

MARMOR, Judd; *Systems Thinking in Psychiatry. American Journal of Psychiatry*, Washington, USA, 140 (7): 833-838, julho 1983.

MINUCHIN, Salvador; *Famílias: Funcionamento e tratamento*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1982.

MINUCHIN, Salvador; *The State of the Art. Family Therapy Networker*, Vienna, Virginia, USA, 7 (1): 22-23, janeiro-fevereiro 1983.

WATZLAWICK, Paul e WEAKLAND, John; *The Interactional View*. New York, USA: W.W. Norton, 1977.

14

OLGA ALBIZURI GARCIA*

Psicodrama

exercícios: 2/3 grupos.

→ Imaginar uma sessão colocando na 9ª sessão cada conceito.

TRADUÇÃO: LIANA DI MARCO

Quando temos na nossa frente a obra de um criador, além de compartilharmos total ou parcialmente de seus conceitos, inundam-nos a admiração e certa alegria que nascem diante das capacidades humanas. A obra do médico romeno Jacobo Levy Moreno, criador do Psicodrama e do Sociodrama, é um exemplo de criatividade e dedicação à investigação psicológica e social.

Moreno nasceu na Romênia em 1892 e faleceu nos Estados Unidos da América do Norte em 1974. Homem de ampla cultura e fortes idéias religiosas e filosóficas, possuidor de uma personalidade com marcadas características histriônicas, amante do teatro e incansável investigador do homem e seus vínculos, deixou-nos uma vasta obra escrita e um movimento psicodramático que abrange a América, Europa e Ásia.

Lendo a obra de Moreno, defrontamo-nos, nos primórdios históricos da sua criação, com fatos anedóticos de grande conteúdo emocional e audácia renovadora, por sua vez com uma nova e dinâmica linha de investigação de riquíssimas possibilidades para o conhecimento e terapêutica dos conflitos psicológicos. Observamos, também, que desafiou as críticas, as "Tradições Culturais" (1) de sua época, conseguindo desenvolver uma teoria baseada numa concepção do homem e da saúde que têm como núcleo a espontaneidade, o otimismo sobre o vital, o amor, a catarse e o

* Exerce sua atividade em Buenos Aires, Rep. Argentina.

1 - Moreno cunhou o termo "Tradições Culturais" para designar o produto final da cultura que, como tal, adquiriu uma qualidade quase sagrada. "...O livro é o arquétipo de todas as tradições..." Nossa cultura diz: "...está saturada de tradições..." e satisfeita com elas. Moreno, J.L.; *Psicodrama*, Ed. Hormé, Bs.As., 1961.

papéis que o Eu do indivíduo vai formando. O desenvolvimento do que posteriormente chamaria axiodrama — reencontro com os verdadeiros valores éticos, religiosos e culturais em uma forma dramática espontânea — foi o primeiro conteúdo do Psicodrama. Este conteúdo axiológico foi de primordial interesse para Moreno, que logo desenvolveu o sociodrama e, por último, o Psicodrama aplicado à psicopatologia. Ou seja, que o caminho escolhido foi: através do desenvolvimento da espontaneidade e da vitalidade criadora desenvolvidas nas cenas dramáticas surgem a idéia de Deus, dos valores metafísicos, sociais e religiosos e, por último, a terapêutica.

Moreno se destacou por seu interesse no social, nos marginais, e rompeu com o movimento médico de sua época, atacando os valores oficiais caducos, vazios e falsos.

Sua rebeldia está presente em toda a sua obra. Dela se desprende o melhor e também o pior do seu perfil, que o levará a desdenhar ricos legados científicos, como no caso dos de Freud.

Seu amor pelo teatro, que se revela desde a infância, fez do teatral a coluna vertebral de sua busca, desde seu agir nas ruas e praças de Viena, onde fazia as crianças representarem e, logo em seguida, também aos adultos. O teatro da espontaneidade e o teatro terapêutico são os antecessores do Psicodrama como ciência.

Em 1925 vai morar nos Estados Unidos, onde desenvolveu e sistematizou suas descobertas. A *Sociometria* é uma ciência da ação. Tem três ramos: o sociodrama, a psicoterapia de grupo e o Psicodrama. Este último é o que teve maior repercussão mundial, abrangendo com seu nome, de maneira errônea, o que seu criador escolhera para o corpo teórico.

Muito se escreveu sobre Moreno. Sua biografia precede a maioria dos livros de Psicodrama, pelo que sugiro ao leitor esses textos para evitar aqui a repetição.

Referir-me-ei aos pontos marcantes da teoria e técnica morenianas para, em seguida, desenvolver a orientação à qual pertencem: o Psicodrama psicanalítico aplicado à clínica e docência grupais.

A TEORIA DO PSICODRAMA

Os legados mais conhecidos e medulares da teoria de Moreno advêm da nova visão que este autor foi capaz de dar à improvisação dramática, retomando, a partir do teatral espontâneo e do antigo teatro grego, o conceito de catarse, que significa purificação, é utilizado já por Aristóteles, quanto aos efeitos do drama no público, emoções que surgem da participação ativa (identificação) na ação dramática.

Sigmund Freud, nos primórdios de suas investigações, dará, a partir de Breuer, uma importância fundamental à expressão catártica no tratamento da histeria. Em seguida, abandona a validade absoluta que lhe dera, no princípio, para o processo de cura.

No teatro clássico, o espectador, ao identificar-se projetivamente com o representado pelos atores, consegue, como dizíamos antes, uma catarse, e, também,

certa conscientização. No caso do Psicodrama, se bem que o público mobilize-se com o representado (esse é seu valor na terapia grupal), é o protagonista, em primeiro lugar, quem consegue uma catarse, pois representa seu próprio drama.

Para que, através do drama representado, produza-se um efeito catártico, tem de existir verdadeira espontaneidade e criatividade, diz Moreno; pois, do contrário, é uma mera repetição que não trará nada de novo nem aos protagonistas nem ao público.

A catarse se pode dar, se estão presentes as condições antes mencionadas, no *espectador* que, ao identificar-se com o representado e seus protagonistas, tem a possibilidade de expressar-se através deles, mobilizando-se, fazendo eco a partir de suas vivências e história. Nos *protagonistas* que, enquanto se desenvolve o drama, criam o mesmo, mobilizando-se com os demais, expressando-se através do tratamento da temática e dos jogos vinculares. Na *criação espontânea* em si mesma, que mediatiza o vínculo do homem com o mundo.

O teatro da espontaneidade que Moreno vai transformando numa ferramenta terapêutica, o Psicodrama, contém já, em si, os pontos básicos da sua teoria:

- a) O conceito de espontaneidade-criatividade.
- b) A teoria dos papéis.
- c) A psicoterapia grupal.

a) *A teoria da espontaneidade* — está ligada dialeticamente à criatividade, compreende uma fenomenologia, uma metapsicologia, uma psicotécnica, uma psicopatologia e uma psicologia genética. De todas elas, as que maiores riquezas possuem é mais acabadamente desenvolveu Moreno, são a Psicotécnica ou treinamento da espontaneidade que, ainda que pareça um paradoxo, procura resgatar o espontâneo perdido pelo homem ao longo de sua existência. E a Psicologia Genética, que revisaremos superficialmente: a criança, ao nascer, realiza seu primeiro ato criativo: é o primeiro ato de catarse de integração. Nasce com uma capacidade criadora própria do ser humano que irá completando com a maturidade e com a ajuda dos outros. O primeiro Eu-auxiliar é a sua própria mãe. Igual a Deus, o homem tem a capacidade de criar. Ao longo de sua infância, à medida que vai vivendo os diversos papéis e em contato com os agentes sociais (família, escola), desenvolve essa capacidade criadora e se atrofia em maior ou menor medida, de acordo com o tipo de relações e na medida em que as “tradições culturais” lhe sejam impostas pelos mais velhos. Esses agentes da sociedade lhe submetem, durante o desenvolvimento, condutas estereotipadas, repetitivas, ritualistas, muitas delas para ela e para os demais vazias de significado, assim como também ajudam o desenvolvimento da espontaneidade. Depende de cada caso e do meio em que vive a criança em um determinado momento histórico-social.

O brinquedo na criança é a maior expressão da espontaneidade criadora. O Psicodrama possibilita a recuperação desta espontaneidade através do jogo dramático, do “como se” simbólico, onde se consegue escapar do determinismo asfixiante de certas condições da realidade; onde o imaginário e o real coexistem no cenário; onde se recupera o contato consigo mesmo e com os demais ao reencontrar-se com a criatividade, de onde surgirão papéis novos e respostas novas, livres de estereótipos. Realizar-se-á o desentrelaçamento próprio da liberdade em confronto com o rígido.

Moreno
S. Moreno

Teoria
do
Psicodrama

Psicodrama

Psicodrama

Psicodrama

Psicodrama

Psicodrama

Psicodrama

Psicodrama

1925
1926
1927
1928
1929
1930
1931
1932
1933
1934
1935
1936
1937
1938
1939
1940
1941
1942
1943
1944
1945
1946
1947
1948
1949
1950
1951
1952
1953
1954
1955
1956
1957
1958
1959
1960
1961
1962
1963
1964
1965
1966
1967
1968
1969
1970
1971
1972
1973
1974
1975
1976
1977
1978
1979
1980
1981
1982
1983
1984
1985
1986
1987
1988
1989
1990
1991
1992
1993
1994
1995
1996
1997
1998
1999
2000
2001
2002
2003
2004
2005
2006
2007
2008
2009
2010
2011
2012
2013
2014
2015
2016
2017
2018
2019
2020
2021
2022
2023
2024
2025

O ato do espontâneo está intimamente ligado ao instante, dali surge a noção do "aqui e agora". "A filosofia do momento" opõe-se à duração, os benefícios do instante, do presente, em constante mudança. É o lugar (*locus*) onde se dá o crescimento. Diz Bustos: "... Moreno caracteriza três fatores essenciais para uma filosofia do momento: o *locus* ou o lugar onde se implanta o *status nascendi* ou processo do crescimento e a matriz, ou seja, o elemento que o constitui. No organismo humano, o *locus* é a placenta, o *status nascendi* é o tempo de gravidez, a matriz é o óvulo fecundado. A matriz de identidade é o *locus* onde a criança se enraíza, é a placenta social da criança e a que condiciona grande parte da sua vida futura ao legar-lhe modelos de condutas..."²

A partir do ato espontâneo do nascimento, o corpo da criança é o *status nascendi* da espontaneidade, com pontos focais ou zonas. Vive em um apetite de atos, pois está projetado para o futuro. A função do Eu-auxiliar, primeiramente a mãe, é, desde o nascimento, imprescindível para que a criança possa desenvolver a espontaneidade. Além da mãe, cumpre a função de representar para a criança uma imagem de si mesma. Continuam sendo um, há uma identidade do Eu com o Tu, não se diferencia a criança de seu mundo circundante. Moreno diz que esta experiência primitiva da identidade configura seu destino. Em toda essa primeira etapa, os papéis são psicossomáticos.

A segunda etapa é a do reconhecimento do Eu. A criança observa o outro (mãe) como algo diferente dela. Integra as diferentes partes do seu corpo numa unidade e é a partir dali que se diferencia. É na segunda etapa que aparecem os papéis psicodramáticos.

Numa terceira etapa, a criança reconhece o outro. Já não somente se vivencia em separado do resto, mas também reconhece os outros.

Moreno faz uma pormenorizada descrição da evolução da imagem do mundo da criança, distinguindo:

1) *Matriz de identidade total* – Primeiro Universo: tudo é um. As configurações estão configuradas pelos atos.

2) *Matriz de identidade total diferenciada* – Segundo tempo do Primeiro Universo: diferenciam-se as unidades, porém têm o mesmo grau de realidade – os indivíduos, os objetos imaginários e os reais.

3) *Matriz da lacuna entre fantasia e realidade* – Começam a se organizar dois mundos, o da realidade e o da fantasia. Isto, na linguagem moreniana, marca o começo do segundo universo. O ideal é que o indivíduo possa dominar a situação e que não desenvolva um mundo real em detrimento da fantasia, nem vice-versa. A espontaneidade é o fator que pode assegurar este domínio que consiste em transportar-se de um ao outro, ir alcançando um equilíbrio. Aparecem os papéis psicodramáticos (reais e imaginários; por exemplo: Deus. E os sociais: a irmã, o pai, a professora). Isto acontece quando há uma diferença entre realidade e fantasia. A criança, então, está no segundo universo.

b) *A teoria dos papéis* – Para Moreno, o papel é o conjunto das posições imaginárias assumidas pelo indivíduo durante sua infância, na relação com os demais. É, então, de raiz imaginária e se concretiza na ação, na interação.

Também para o autor desta teoria, é o Ego que emerge dos papéis e não o inverso. Os primeiros papéis são os psicossomáticos: comer, dormir, defecar, etc. São os que se desenvolvem a partir das necessidades e funções básicas e das primeiras relações com a mãe. Seu *locus nascendi* é aquela zona do corpo comprometida com a função, porém não como zona isolada. Por exemplo, o papel de ingeridor (comer): a boca da criança, o aparelho digestivo, o ânus, o peito da mãe. Isto está relacionado com o fato de que o papel da criança e da mãe forma, ainda, uma matriz de identidade indiferenciada. A mãe, com sua conduta, vai induzindo a conduta da criança, esta vai, assim, descobrindo uma complementariedade perfeita com sua mãe, mas sem consciência de diferença.

Aqui podemos encontrar uma semelhança com um aspecto da teoria freudiana, que afirma que o Ego se vai configurando a partir dos primeiros meses de vida, das primeiras experiências neste período, que levam a ter uma representação de si mesma. Nesta etapa, necessita de alguém para sobreviver: *relação anaclítica*, de afirmação. A criança, graças a essa relação, vive e ignora o outro. É uma primitiva posição de onipotência.

No segundo universo moreniano aparecem os papéis sociais e psicodramáticos, dos quais já nos ocupamos.

Nesta teoria tomam-se os papéis como núcleo do desenvolvimento egóico e, à medida que a criança cresce e se diferencia, vai podendo ampliar seu leque de papéis. Alguns papéis ficarão inibidos, necessitando, posteriormente, serem resgatados (função do Psicodrama).

Quanto mais sadio é um indivíduo, mais possibilidade terá de desempenhar diferentes papéis. Terá um leque de papéis mais amplo. Papéis criativos e não repetitivos.

Das experiências infantis surgem alguns conflitos para desempenhar um papel no futuro. Por exemplo: a inter-relação tida com a mãe no âmbito do brinquedo. Se o papel desta foi indiferente ou repressor e inibidor da criatividade, pode provocar no adulto uma inibição da criatividade e em seu papel de pai em relação com o brinquedo e a criatividade de seus filhos. O papel atuado por sua mãe age como inibidor de seu próprio papel paterno. O exemplo anterior serve-nos para diferenciar tele, de transferência. O fator tele desenvolve-se na criança quando esta já pode distinguir perto-longe, realidade-fantasia: quando pode desenvolver uma relação à distância com o outro, reconhecendo-o como outro, diferenciando objetos reais e objetos imaginários, pessoas. Permite perceber o outro como é e perceber-se a si mesma em relação a ele e ao que os vincula.

É um verdadeiro "Encontro Eu-Tu". A transferência, em troca, é a parte patológica do Tele, é um vínculo Eu-Eu (com objetos internos, com o drama interno), não percebe o outro como é, não se está com ele. O pai do exemplo "estava" com sua mãe naqueles cenários infantis mais que com seus filhos no momento atual.

2 - Bustos, Dalmiro: *Psicoterapia Psicodramática*, Ed. Paidós, Bs.As., 1975, pág. 23.

c) A Psicoterapia grupal (3) — Moreno assim a define: "... A psicoterapia de grupo é um método para tratar, conscientemente, na fronteira de uma ciência empírica, as relações interpessoais e os problemas psíquicos dos indivíduos de um grupo..."

Na sua concepção, todos no grupo são agentes terapêuticos, e todo o grupo também o pode ser em relação a outro grupo. Este método aspira alcançar o melhor agrupamento de seus membros para os fins que persegue. Não trata somente dos indivíduos, mas de todo o grupo e dos indivíduos que estão em relação com ele.

Em sua relação sociológica vê a sociedade humana total como o verdadeiro paciente.

O conceito de encontro está no centro da psicoterapia de grupo, comunicação mútua que não se esgota no intelectual, mas que abrange a totalidade de seu ser. O encontro vive no "aqui e agora". Vai mais além da empatia e da transferência. Forma um "nós".

Relata que a primeira tentativa da Psicoterapia de Grupo foi em Viena, em 1911, onde eram, todos os seus membros, terapeutas. Logo saíram às ruas e fizeram psicoterapias grupais familiares, *in situ*, com as pessoas que sofriam.

Mais além do talento terapêutico, Moreno resgata o valor de forças iminentes ao grupo. Retoma o fato de que vivemos em grupo desde que nascemos e nossos problemas provêm desse mundo. Todos ajudam todos em um grupo, mas por isso estão ausentes às relações hostis. Realizou grupos de presos (1931), de crianças (1931), de doentes mentais (1932), chegando, em 1933, à Sociometria e, em 1936, ao Psicodrama.

Afirma que trabalhar em grupo sem uma fundamentação sociométrica, antropológica e microsociológica, somente com a interpretação da análise individual, é impossível.

A regra fundamental é a interação livre e espontânea, e o objetivo, favorecer a integração do indivíduo e do grupo. Considera a transferência como expressão da dissociação e desequilíbrio do grupo. Os tele-relacionais são os que possibilitam a tarefa.

Moreno se detém no papel do psicoterapeuta de grupo e psicodramaturgo, dando uma série de normas éticas e científico-técnicas. Dá conta, então, de regras e normas de um grupo como o sigilo, os honorários iguais, a seleção de pacientes, a livre expressão, o cuidado do indivíduo e do grupo, a utilização de métodos cientificamente comprovados, o salvaguardar a democracia no grupo.

Resgata, muito além da comunicação verbal, o contato corporal motor e tátil. Enumera os métodos a utilizar, entre os quais se destacam:

- a) Método de clube ou associação, onde as pessoas se ajudam nas instituições que abrigam os pacientes, ou em bares, sem um aparato artificial (Ex.: Associação de Prostitutas Vienenses, 1914; Alcoólicos Anônimos, EUA, 1934).

3 — Moreno, J.L.: *Psicoterapia de Grupo y Psicodrama*: Fondo de Cultura Económica, México, 1966, pág. 79.

- 7089
Banco
- b) Método de assessoramento
 - c) Método de conferências (pedagógico)
 - d) Método de classes (pedagógico)
 - e) Método psicanalítico que, em grupos, diz, apenas se distingue dos interacionais
 - f) Métodos visuais (filmes, etc.)
 - g) Método de discussão livre
 - h) Métodos sociométricos: agrupamento sociométrico para melhor ajuda
 - i) Métodos de histórias clínicas: todos opinam sobre um caso
 - j) Método da bibliografia: os pacientes lêem livros selecionados e os discutem
 - l) Método magnetofônico: sessões gravadas. Depois os pacientes escutam a si mesmos e fazem reflexões em grupo
 - m) Método da música e da dança: os pacientes fazem sua própria música e/ou escutando-a, dançam.
 - n) Métodos ocupacionais e laborterapia

Como podemos apreciar, todas essas técnicas que se desenvolveram independentemente *a posteriori*, com diversos esquemas referenciais, já foram pensadas e experimentadas por Moreno... É para pensar...

Método psicodramático — O método do Psicodrama usa a representação dramática (*a cena*) como núcleo de abordagem e exploração do ser humano e seus vínculos. A ação, unida à palavra, brinda um mais completo desdobramento do conflito, do drama que ocupa o protagonista no espaço dramático. Na cena, o indivíduo pode representar seus conflitos passados e presentes, e também vomitar seus temores, expectativas, projetos e dúvidas sobre o futuro, explorando suas relações com o presente e o passado.

O método geral do Psicodrama conta com diferentes técnicas para desenvolver ao máximo a exploração e a criatividade, possibilitando uma catarse de integração.

Distinguem-se, no desenvolvimento da ação dramática, três momentos que possuem, cada um, uma importância singular. A primeira fase, chamada aquecimento, é onde se prepara o clima do grupo. Escolhem-se um tema e um protagonista e tenta-se penetrar no mesmo no maior nível de espontaneidade possível. Moreno destaca a importância desta fase a partir da sua teoria da espontaneidade-criatividade, fazendo "finca-pé" em que somente libertando-se das amarras da realidade, "desaprendendo", o sujeito conseguirá o estado necessário para participar eficazmente, de maneira espontânea, da dramatização. Poderá, assim, entrar no "como se" dramático, aberto ao que vai surgindo na cena: afetos, associações, recordações, novos personagens que, de início, não lembrou. Nesta fase, é muito importante o papel do diretor dramático: da sua habilidade para preparar e guiar o protagonista no palco, dependerá, em grande parte, o desenvolvimento criativo do drama. O protagonista poderá realmente conectar-se, na dramatização, com aspectos seus dissociados e desconhecidos, e não meramente repetir sem explorar.

O segundo momento ou fase é a representação propriamente dita, a *cena dramática*. Aqui ganham importância os eu-auxiliares, que serão os encarregados de encarnar os personagens para os quais o protagonista os escolheu: personagens

reais ou fantasiosos, aspectos do paciente, símbolos do seu mundo. Moreno diz: "...O paciente no curso da sua enfermidade dedicou uma grande parte de energia própria às imagens que leva em seu interior, uma existência própria: suas fantasias e alucinações. Gastou com elas grande parte de sua *espontaneidade*, sua força e produtividade. Despojaram-no de sua riqueza: tornou-se pobre, débil e doente..."(4)

O Psicodrama possibilita desdobrar no palco o vínculo com esses personagens, os quais o protagonista, inclusive, pode encarnar (*inversão de papéis*). O reordenamento interior, mais integrado, provoca um esclarecimento que alivia e leva a recobrar o perdido. Quando se produz esse fato, se consegue uma catarse de integração que, segundo Moreno, é uma *purificação mediante o complemento*. A possibilidade de integrar o dissociado, *recobrar força e unidade*.

O terceiro momento ou fase é o *compartir*, onde o grupo participa terapeuticamente. Até este momento, quem se expôs e "desnudou" sua intimidade foi o protagonista (Carlos Menegazzo lembra-nos que "protagonista" é uma palavra que provém do grego, e significa aquele que agoniza originariamente)(5). Nesta etapa o grupo devolve, compartilha seus sentimentos e vivências, tudo o que lhes foi acontecendo durante a cena, as ressonâncias que neles produziu. Os companheiros do grupo, que estiveram no lugar do público, segundo a terminologia moreniana, ao expor seus comentários, suas associações, têm a dupla função de ampliar o panorama alcançado com as cenas do protagonista e não deixá-lo só, acompanhando-o, evitando que se sinta em desigualdade de condições. Consegue-se, assim, uma catarse grupal que começa com o protagonista e continua com o que sentem os demais durante as cenas e todos juntos durante os comentários.

As diversas técnicas dramáticas utilizadas durante a representação foram pensadas por Moreno em relação com sua *teoria da evolução da criança*. Cada uma delas cumpre uma função que corresponde a uma etapa do desenvolvimento psíquico. O diretor do Psicodrama instrumentará, em cada situação, aquelas que pareçam mais adequadas e correspondentes ao momento do drama, segundo o tipo de vinculação que nele se expressa.

A primeira etapa de *indiferenciação do Eu com o Tu* corresponde à técnica da *dupla*. A segunda, do *reconhecimento do Eu*, à técnica do *espelho*. A terceira etapa do reconhecimento do Eu, à técnica da *inversão de papéis*.

Mediante a técnica da *dupla*, um Eu-auxiliar desempenha o papel de protagonista. Verbal e gestualmente complementa aquilo que, a partir desse desempenho, entende e sente que o protagonista não pode expressar completamente por ser isto desconhecido ou oculto, por inibições. Coloca-se ao lado e em idêntica postura ao protagonista, fazendo seus movimentos, "funcionando como a mãe e a criança" na primeira etapa. Diz Moreno: "...O que a mãe busca é, para a criança, uma parte inconsciente de seu próprio Eu..."

Para que o Eu-auxiliar possa desempenhar adequadamente o papel de dupla psicodramática, deve ser capaz de se colocar nesse lugar, sentir a situação do paciente "como se" fosse seu duplo real.

4 - Moreno, J.L.: *Psicoterapia de Grupo y Psicodrama*, pág. 117.

5 - Menegazzo, C., *Magia, Mito y Psicodrama*, Ed. Paidós, Bs.As., 1981, pág. 31.

Na *técnica do espelho*, o protagonista sai do palco e é público da representação que um Eu-auxiliar faz dele. Busca-se, com isso, que o paciente se reconheça em determinada representação, assim como na sua infância reconheceu sua imagem no espelho. O terapêutico desta técnica está em que se reconheçam como próprios os comportamentos e aspectos que lhe são "desconhecidos" e que importam para o esclarecimento do conflito.

No momento em que a criança reconhece o Tu, simbolicamente pode colocar-se no lugar do outro. Com a técnica da *inversão de papéis*, a mudança de papéis investiga na cena o "sentir" desses personagens do mundo do paciente. Esta é a técnica básica do Psicodrama, inclusive faz parte de uma famosa frase de Moreno, aludindo ao Encontro: "...E quando estejas comigo, eu te tirarei os olhos de seus côncavos e os colocarei no lugar de meus e tu me arrancarás os meus e os colocarás no lugar dos teus para eu te olhar com teus olhos e que tu me olhes com os meus..."

Existem outras técnicas dramáticas criadas por Moreno e posteriores a ele. Na realidade, trabalhando em Psicodrama criativamente, surgem múltiplos recursos ligados ao marco referencial teórico do psicodramatista.

Classicamente, as mais utilizadas são: o *solilóquio*, que consiste em que o protagonista e os Eu-auxiliares digam em voz alta: "como se falassem consigo mesmos", seus sentimentos e pensamentos, a dupla e a *inversão de papéis*. Outras técnicas como Concretização, Intercalação de Resistência (ou papel imprevisto), Reportagem, são utilizadas de acordo com o critério de cada psicodramatista.

Moreno, tomando do modelo teatral seus elementos, distingue, para a cena psicodramática, cinco elementos ou instrumentos: *cenário*, protagonista, diretor, Eu-auxiliar e público.

Cenário - Para este autor, o espaço dramático onde se desenvolve a cena é o cenário, o espaço vital que brinda a possibilidade de nexos e conexões entre o imaginário, o simbólico e o real, amplia as possibilidades do *se real* em um *como se* simbólico. Neste continente desdobra-se a produção e nele podem-se representar fatos simples da vida cotidiana, sonhos, delírios, alucinações.

Moreno idealizou e construiu cenários muito sofisticados, com diferentes níveis, dos quais existem vários modelos, todos com uma fundamentação do porquê de suas formas e diferentes níveis. Atualmente, um estrado ou um *espaço designado* cumpre, na maioria dos casos, a função de cenário.

Protagonista - É quem, em Psicodrama, protagoniza seu próprio drama. Representa a si mesmo e seus personagens são parte dele. Palavra e ação se integram, ampliando as vias de abordagem. A expressão livre e a espontaneidade estimuladas a partir do aquecimento e das diversas técnicas que podem ser utilizadas tendem a garantir que se dramatize e não que se atue. O termo "atuação", neste caso, é sinônimo de confusão do "como se" psicodramático com o "se" real (processo primário), ou ao contrário, atuar o que se sabe sem comprometer-se afetivamente com a cena, repetindo, sem criatividade.

Moccio e Pavlovsky fazem uma pormenorizada distinção entre um e outro termo (6). O protagonista pode ser um indivíduo, uma dupla ou um grupo.

Diretor — O psicoterapeuta do grupo é também o diretor psicodramático. Tem, então, uma dupla função, conforme os momentos da sessão. Ainda que seja um papel unitário, distinguem-se, tecnicamente, os momentos nos quais coordena a cena dramática e quando o grupo está em tarefa verbal. Aqui se evidencia a orientação de cada terapeuta. Nós falamos de uma concepção dramática da psicoterapia na qual o coordenador, se dramatiza ou não, tem internalizado o pensamento em cenas, uma atitude interpretativa e uma maneira de ser no grupo de acordo com seu referente teórico. O diretor de Psicodrama está atento a toda informação ou dado que o protagonista dê, para incluí-la na cena; guia e ajuda a chegar à cena com espontaneidade (através do aquecimento). Uma vez começada a cena, o diretor se retira do espaço dramático e somente intervém se é necessário incluir alguma técnica (inversão de papéis, dupla solilóquio, etc.), dando ordens ao protagonista ou Ego-auxiliares.

No momento dos comentários, posterior à encenação, atua como um membro a mais do grupo ou cala e se retira (depende das diferentes escolas).

O Ego-auxiliar — Tem, como seu nome o indica, a função de auxiliar o protagonista, dramatizando papéis que este lhe indique e que necessite para realizar a cena. Também recebe ordens do diretor. A partir das vivências dos papéis desempenhados, que o vinculam ao protagonista, tem uma visão e obtém uma compreensão do drama que no caso dos Ego-auxiliares profissionais se assentam, por sua vez, em seus conhecimentos psicológicos. Na nossa forma de trabalho, os Ego-auxiliares são os mesmos companheiros do grupo e, eventualmente, um dos co-terapeutas, se se trabalha em co-terapia. Pensamos que se os pacientes não têm uma formação psicodramática, vão treinando-se no curso da mesma terapia. Além disso, contam com o enorme valor de compartilhar a experiência grupal que, como bem sabemos, faz, de cada membro, um agente terapêutico.

O público — É o grupo terapêutico. Nos psicodramas públicos, a relação que se estabelece é diferente; pois, além de ser numericamente maior, não tem a continuidade e laços afetivos e de história de um grupo terapêutico. (Moreno falou de co-inconsciente, conceito com o qual designa a formação, comunicação especial que existe de inconsciente a inconsciente entre pessoas que compartilham em vínculo próximo, durante longo tempo.)

O público, em ambos os casos, mobiliza-se com o que recebe da cena, expondo opiniões, expressando afetos, associando com sua própria história. Contém a cena. São imprescindíveis para a realização do Psicodrama, porque são parte do mesmo, completam o que sucede na cena.

O público pode ser de poucas pessoas (famílias, duplas, grupos terapêuticos, operativos, de treinamento, de formação) ou de muitas (Psicodrama público ou grandes grupos).

6 — Moccio, F. e Pavlovsky, E.: "Dramatización y actuación: dos términos de questo significado", em *Clínica Grupal*, Ed. Búqueda, Bs.As., 1974, pág. 91.

Moreno distingue três procedimentos segundo o objeto de estudo para se abordar quando se dramatize: *Psicodrama*, tratamento dos conflitos individuais. *Sociodrama*, onde o objeto de estudo são os grupos sociais. *Role playing*: quando o Psicodrama é utilizado para a formação e treinamento de papéis profissionais e técnicos.

Creio, assim, ter dado uma idéia geral do Psicodrama, ainda que muitos temas tenham ficado de lado; porém, aprofundar-se em todos eles ultrapassa o objetivo deste capítulo. Os interessados em aprofundarem-se nos conhecimentos do Psicodrama de Moreno podem ler sua extensa bibliografia, assim como a de outros autores americanos e europeus. (Ver bibliografia adjunta.)

PSICODRAMA PSICANALÍTICO

Aplicações grupais

Gostaria de referir-me, agora, ao que é meu marco referencial e modo de trabalho. Confluem nele várias vertentes: a Psicanálise, o Psicodrama e a Psicoterapia Grupal. Uma concepção do homem, da saúde e doença, uma concepção social.

O contexto social é influência em e está influenciado pela vida dos grupos. Parte da tarefa a realizar é analisar as relações dos indivíduos que compõem um grupo e do grupo como unidade com o mundo exterior. O ser humano é grágario. Sempre, desde seu nascimento, toma parte em grupos; também desde seu nascimento começa uma luta pela discriminação, a individuação, e, dialeticamente, uma luta por pertencer a grupos, ser aceito, vincular-se. Durante toda a vida nos movemos entre estes dois pólos, nossa identidade individual e a necessidade de uma identidade grupal, a necessidade de amor, de pertença.

É lógico, então, que possamos entender que, além dos grupos primários que vão constituindo nosso grupo interno, existe uma série de grupos sociais ao longo da história, com os quais o homem estabelece laços: grupos políticos, religiosos, etc. Vai desenvolvendo suas idéias e "toma partido" a respeito do acontecer social, ainda quando sua atitude seja passiva e indiferente; determina-o, tem uma ideologia, ainda que a desconheça.

Nós pensamos que num critério de saúde que abranja o homem na sua totalidade, não se pode esquecer que este é um ser social e que, para fazer um diagnóstico, para entender sua conflitiva e poder, realmente, ajudá-lo a desenvolver-se em plenitude, "o cidadão" deve estar presente quando pensamos nele. Pode-se investigar o inconsciente, é o caminho escolhido sempre e quando resgatemos seu conhecimento para integrá-lo ao indivíduo como ser social. Não perder de vista isto implica mover-se de uma esfera a outra: o indivíduo, o grupo e o social, investigando seus ocultos vínculos, complexos e dialéticos.

Vejamos, agora, como se integram aquelas vertentes das quais falava mais acima. Como tornar coerente um trabalho grupal que provém de tão complexa

união? Tentamos. Questionamos cotidianamente nosso pensamento e técnicas, tratamos de conseguir um agir fundado num corpo teórico a partir do qual se possa compreender como se articulam o individual e o social, o mundo interno e externo, a teoria e técnica psicanalíticas e o método psicodramático. Como integrar em nosso trabalho aqueles núcleos morenianos e a teoria geral da psicanálise? A técnica do Psicodrama e a técnica da psicanálise aplicada aos grupos...? À primeira vista parece impossível; porém, logo que nos arriscamos a pensá-lo e experimentá-lo, fomos descobrindo diferentes possibilidades integrativas.

O Psicodrama psicanalítico, como nos relata o próprio Moreno, Anzieu e outros, nasceu na França em 1944 (Anzieu fala de que o início de sua experiência data de 1950). Os psicanalistas franceses que se interessaram pelo Psicodrama estavam, por sua vez, em linhas de trabalho com grupos psicóticos, crianças e adolescentes. Alguns utilizaram a dramatização, incluída na estrita técnica da psicanálise individual (Lebovici, Diatkine, Kestenberg). Outros tentaram adaptar a técnica psicanalítica ao dramático e grupal (Anzieu e colaboradores). Atualmente na França, os Lemoine, representantes do chamado Psicodrama freudiano (de nítida impressão lacaiana) junto a outros profissionais de sua instituição (os Gaudé, entre outros), representam uma corrente na qual a cena dramática é reconhecida na função de concentrar o drama e permitir que apareçam novos significantes. Dizem os Lemoine: "...O Psicodrama não é a busca de um certo sentido nem tampouco de um significante fundamental. Por isso, deve-se evitar a interpretação que proporcione o sentido e a perda do sentido..."

"...Não se trata de descobrir o significante que representaria a verdade do sujeito, mas sim o significante que atua como imagem e, deste modo, como rocha, e detém em um ponto a cadeia de significantes que, graças aos suportes que o grupo oferece, se converte em uma máquina de repetição..." (7)

Outra linha está representada pelo CEFRAP, fundado em 1962, a que pertencem, entre outros, D. Anzieu, R. Kaës, A. Missenard, G. Testemale-Monod. Suas investigações centram-se na dinâmica da personalidade e dos grupos. Dão ao Psicodrama, à cena, o valor de uma comunicação simbólica. Diz Anzieu: "...O Psicodrama analítico favorece a expressão dos conflitos por intermédio de imagens simbólicas..." (8) Caracteriza quatro aspectos importantes do Psicodrama: dramatização dos conflitos, comunicação simbólica, efeito catártico e natureza lúdica. Atualmente, os membros desta linha realizaram investigações sobre os grupos que colocaram em livros muito lidos por nós os que trabalham em psicoterapia psicanalítica grupal (com ou sem inclusão do Psicodrama) e neles desenvolveram temas de grande interesse. Entre esses textos podemos citar: *El aparato psíquico grupal*, de R. Kaës; *El grupo y el inconsciente*, de Anzieu; *Trabajo psicoanalítico en grupos*, de Béjarano e outros; *Psicodrama, un acercamiento psicoanalítico*, de Basquin e outros.

7 - Lemoine, G. e P.: *Una teoría del Psicodrama*, Granica Ed., Bs.As., 1974, pág. 37.
8 - Anzieu, D.: *El Psicodrama analítico en el niño*, Ed. Paidós, Bs.As., 1961, pág. 105.

Outras linhas também se abriram na França e em outros países (entre eles o nosso), usando o trabalho corporal e integrando-o com o Psicodrama psicanalítico.

Na América Latina, a Argentina é o país pioneiro em Psicodrama. Atualmente, Brasil, México e outros fizeram um importante desenvolvimento, sendo pertinente destacar o Psicodrama brasileiro que, inicialmente foi desenvolvido por docentes argentinos e, atualmente, por seus próprios docentes. O intercâmbio entre os países latino-americanos enriquece e fortalece nosso desenvolvimento científico e social, pois temos problemáticas similares: subdesenvolvimento, fome, governos autoritários e transições à democracia. Os efeitos de todas essas situações (a repressão, o medo, os silenciamentos, os desaparecidos, o exílio, a enorme dívida externa que nos submete aos centros de poder europeus e norte-americanos) são nossa área de trabalho, tanto em grupos como em instituições e tratamentos familiares e individuais. O isolamento entre nós seria um erro desde o ponto de vista científico, porque não poderíamos resgatar o que cada país investigou a respeito: e, desde o ponto de vista político regional, porque debilitaríamos as possibilidades de conscientização que nossa tarefa sofre. Verdadeiro intercâmbio (que não significa o submetimento ao dogmatismo de uma escola, ao velho costume neocolonialista), estimulando as investigações locais e as que se possam realizar em comum.

Em 1962 começa a ser estudado e aplicado o Psicodrama na Argentina. Todos os nossos trabalhos nomeiam seus pioneiros. Façamo-lo uma vez mais, em reconhecimento ao que nos deram. Eles são: Mauricio Abadi, Eduardo Pavlovsky, Carlos Martínez Bouquet, Fidel Moccio, Jaime Rojas Bermúdez, María Rosa Glasserman, psicólogo psicanalista da primeira camada de nossa profissão; os demais médicos provenientes da clínica e da psicanálise. Todos com interesse nos grupos. Esses colegas, na sua busca do novo e do dinâmico, de acordo com as necessidades hospitalares e privadas, encontraram no Psicodrama um meio de abordagem apropriado para o inconsciente, para o treinamento de papéis profissionais e a exploração institucional.

Passaram-se 23 anos e surgiram diferentes caminhos que vão desde distintas linhas dentro do Psicodrama até abandoná-lo quase que por completo, como no caso de Abadi, ou aplicá-lo sistematicamente, como Glasserman.

Desde então, muitos têm sido os profissionais da saúde mental que se dedicaram à investigação do Psicodrama. Há uma "segunda geração", não tão numerosa como as posteriores, à qual pertencemos: Claudine Barrera, Marta Berlín, o falecido Luis Fridlewsky, Bernardo Konovich, Roberto Losso, Leonardo Satne e eu, todos provenientes do tronco comum da psicanálise, formados em Psicodrama Psicanalítico com Martínez Bouquet, Moccio e Pavlovsky. Atualmente, em diferentes integrações teórico-técnicas. Por outro lado, Carlos Menegazzo e Mónica Zuretti provêm da linha moreniana e continuam nela. Dalmiro Bustos, integrando aspectos psicanalíticos e Psicodrama, completou sua formação nos Estados Unidos com Moreno, o mesmo que Pavlovsky e Zuretti.

Atualmente, desenvolveu-se tanto o trabalho psicodramático a nível docente e clínico, que se torna impossível seguir dando nomes (o que, por outro lado, seria

tedioso). Este "privilégio" fica assim reservado para os velhos. O que posso afirmar é que, dentre os psicodramatistas formados por algum de nós (os que nos dedicamos à formação), estão emergindo já novos nomes, através de publicações e investigações.

Vou, agora, explicar, por meio do relato de minha modalidade de trabalho e alguns temas que vão surgindo, uma maneira particular de integrar Psicanálise-Psicodrama, e a influência do contexto sócio-político e cultural atual.

A teoria moreniana, que se torna pouco sólida, se a comparamos com a teoria psicanalítica, tem, entretanto, alguns aspectos que não são excludentes mas que se complementam e, em alguns casos, são parcialidades de conceitos psicanalíticos não reconhecidos e rebatizados com outros nomes ou trabalhados sob outros ângulos, como acontece com os conceitos de regressão e fixação. A regressão em Psicodrama não se obtém através da transferência (no esquema moreniano), mas através da cena dramática que torna presente o passado. Tele e transferência em Moreno são conceitos herdeiros do de transferência freudiano. Espontaneidade, essencialmente, está relacionada com o conceito de libido de Freud.

Não tocarei, aqui, nos aspectos divergentes, pois tampouco são integráveis na clínica. Se nos fixamos na cena dramática, esta, desde o ponto de vista moreniano, fundamenta seu valor da seguinte maneira: a representação dramática é liberadora, é uma segunda vez, é a forma que adquirem o passado e o futuro, no presente. O encontro, o compartilhar, a criatividade e o ato espontâneo possibilitam novos papéis e resgatam energias perdidas. Isto levará a uma catarse de integração e a uma catarse do público.

O objetivo é que o indivíduo seja, em cena, o que é, porém mais profundamente, mais claramente que na vida real; que se encontre com partes de seu Eu e "pessoas reais e ilusórias".

A cena dramática, para nós, é lida, sob o enfoque da psicanálise. A valorização como uma via de abordagem do inconsciente, uma via de exploração e elaboração tanto do protagonista como de seus companheiros de grupo, pois através das identificações projetivas e introjetivas, não somente o que indaga é o protagonista, mas também os que assistem à dramatização e os que colaboram nela como Ego-auxiliares, encontrando nisto cenas ressonantes, que se incluem na terapia grupal.

A cena é a "representação" do passado, um lugar simbólico onde se revela o imaginário através das cenas atuais ou manifestas, podendo explorar e elaborar situações conflitivas do mundo externo, encontrando sua conexão com o mundo interno dele ou dos indivíduos, em sucessivas ações dramáticas com cenas antigas e inconscientes. Sintetizando, a cena dramática é, basicamente, a presentificação e corporização que, através da representação, têm os vínculos intrapsíquicos em sua mútua e dinâmica reestruturação com os vínculos interpessoais.

A importância da ação integramos o vincular e a palavra. Fique claro que a palavra não perde importância, não é palavra versus ação (drama), mas sim que na integração do verbal e do dramático conseguimos a ampliação do discurso. O discurso verbal não se minimiza para privilegiar a ação, a ação não se desqualifica, tampouco, em privilégio da palavra. Ambos formam uma unidade complexa que é mais

que a soma das partes, cria uma nova estrutura que resgata os canais de expressão do homem: verbal, gestual, pré-verbal e psicomotriz vincular, de forma unificada, não dissociando as três áreas: mente, corpo e mundo exterior (José Bleger conceitualizou sobre estas áreas) (9).

Eu entendo que há uma série de convergências com Moreno. Por exemplo:

a) Valor da representação, como já dissemos, como liberadora; segunda vez de um acontecimento, onde se encontram aspectos novos e se criam condutas novas (Moreno). É similar a explorar para recordar e não seguir repetindo esterilmente, ao conhecer, através da cena, o que do inconsciente aflora a ela. Integra-se o dissociado, dando lugar a mutações baseadas na tomada de consciência. No Psicodrama psicanalítico falamos de associar livremente em cenas, catexizar a mesma a levantar barreiras repressivas que possibilitem fazer consciente o inconsciente, possibilitem o criativo em vez do repetitivo.

b) Valor do "Encontro" e do compartilhar (Moreno). Na psicoterapia psicanalítica de grupo não somente o grupo é imaginário; seus membros não somente se identificam entre si. Há um encontro, um compartilhar de pessoas reais num mesmo contexto social e tempo histórico.

A estes dois níveis desejo me referir. "Encontro", para Moreno, é um vínculo Eu-Tu, livre de transferência. (Sabemos que transferência existe sempre em maior ou menor medida.) O que poderíamos entender como próximo a esse conceito de nosso trabalho grupal são momentos nos quais se alcançam desidentificações, onde os vínculos são explorados e esclarecidos dentro do grupo por alguma necessidade do processo terapêutico (alianças narcísicas, por exemplo). Também quando o contexto social, através de algum acontecimento, é tema grupal. Entendemos que o contexto social está sempre presente e se trabalha em dois níveis: a nível da psicologia social e a nível de suas ressonâncias inconscientes.

Os grupos terapêuticos e de formação de psicodramatistas são grupos de transição, na nossa concepção. Tomamos o grupo imaginário, transitamos pelo caminho psicanalítico e ainda o social, sua influência no grupo e do grupo no macrogrupo. Sei que, para algumas concepções dentro da psicanálise, isto é um obstáculo no trabalho analítico. Eu opino que não há uma terapia possível que deixe de lado a realidade circundante da qual o grupo faz parte, sobretudo quando acontece viver como nós temos vivido na última década. Penso que o importante é poder entrar e sair das distintas áreas, poder conectá-las e não ficar preso a nenhuma delas. Alguns pensarão que isto não é psicanálise. Eu opino que sim, que é psicanálise aplicada aos grupos, pois leva em conta as leis básicas da mesma, porém não interpelando o modelo clássico da psicanálise individual sem as modificações necessárias, resgatando, assim, o valor dos grupos. Leva-se em conta a transferência em relação ao terapeuta, em relação ao grupo e cada um de seus integrantes, também em relação ao exogrupo. A resistência na tarefa verbal e dramática, inclusive quando o tema é utilizado com esse fim, "por mais impactante que seja a nível social". Existem a abstinência e as outras leis grupais de enquadramento, restituição e sigilo. Tra-

ta-se de tornar consciente o inconsciente sem desvalorizar nem deixar de lado, na nossa concepção de saúde mental e tarefa terapêutica, a relação dialética do homem com o mundo social.

Penso que se ficamos com o "discurso do amor" nos submetemos a sermos tratados como "escravos". Diz Raúl Sciarretta, em seus objetivos para um colóquio freudiano: "...Somente a dignidade do trabalho criativo pode guiar-nos na defesa da democracia e sua essencial condição de liberdade de pensamento, que repudia uma psicanálise espúria, de colonizados..." (Como reflexão, podemos dizer que o julgamento de espúrio foi utilizado por outros autores para referir-se a tudo aquilo que não é psicanálise clássica... São as diferenças...)

Penso que esta posição que sustento será completada quando a exemplifique com fragmentos de crônicas grupais. Quando mostre como tentamos descobrir o que há de transferencial nos vínculos extragrupal como no "aqui e agora" grupal. "Aqui e agora" grupal, herdeiro da filosofia do momento de Martín Buber, cunhado por Moreno e definitivamente incluído na psicoterapia psicanalítica grupal, onde se integram o horizontal grupal, o vertical histórico individual (Pichón-Riviére) e o transversal social (Guattany e Deleuge).

c) A respeito da transferência, para Moreno, é o patológico do fator Tele, é estar conectado consigo mesmo, não com o outro.

Para a psicanálise, a transferência tem conteúdo inconsciente, que é vincular (transferem-se vínculos em situação, "fantasma"). Na medida em que a transferência se esclareça, consegue-se um vínculo mais maduro, menos narcisista, se reconhece mais o outro. Até aqui, a semelhança. A diferença está em que a psicanálise se vale da transferência, a privilegia, trabalha com ela e a partir dela. É o caminho de acesso ao inconsciente, junto com a resistência, os atos falhos, os lapsos e os sonhos (via de regra). Moreno a vê como algo a eliminar, um obstáculo; em psicanálise, com a dissolução da transferência, termina o tratamento. Como manejamos com a transferência no Psicodrama psicanalítico? Neste ponto há diferenças entre os distintos autores, quanto a como conseguir a integração psicodrama-psicanálise.

Paul Lemoine diferencia Psicodrama de psicanálise. Afirma a necessidade de desmistificar a ambos.

Opina que em psicanálise se dá a análise da transferência e da frustração. Diz que o ato analítico tem como origem a sugestão, e a transferência é uma sugestão que se exerce a partir da súplica de amor. Desaparecer da vista do paciente frustra e dá lugar ao anal-oral. A frustração é fundamental. Situa no Psicodrama a ação no lugar do ato analítico. Ação (drama) na qual surgem efeitos que não haviam desaparecido na primeira vez, no jogo do que aconteceu; há "significantes" que não estavam presentes na primeira vez. Há um predomínio da função escópica.

Quanto à transferência no Psicodrama, afirma que ao não se situar a súplica de amor num só terapeuta não se pode nem frustrar nem manejar a transferência. A vantagem no Psicodrama é que o jogo interrompe a cadeia de repetições pela revelação de um detalhe ignorado. Se alguém interpreta, corta a cadeia viva de associa-

ções (10). Há, no nosso meio, seguidores de Lemoine (por exemplo, Leonardo Satne).

Na minha forma de trabalho, uso o transferencial; pois, como diz Lemoine, a súplica de amor não está colocada na pessoa do terapeuta e o manejo técnico, que não é o mesmo, dá lugar a um fenômeno diferente: o das transferências múltiplas e laterais no grupo. Alguns escolhem não explicá-las e trabalhar a partir delas. Eu opto por trabalhar a partir delas em alguns casos, mas também com elas, cada vez que ache que trarão esclarecimentos necessários (por exemplo: alianças, complementariedades narcisistas).

Béjarano (do grupo CEFRAP de Paris) distingue várias vinculações ou objetos transferenciais nos grupos; transferência central: o coordenador, os outros, o grupo como unidade, o mundo exterior. Concordo com ele e trabalho com as transferências:

a) Dos terapeutas entre si, o eco do que acontece no grupo produz no vínculo transferencial entre os co-terapeutas e vice-versa, o que eles podem determinar que suceda no grupo a partir das ditas transferências. Da maneira em que estes realizem seu trabalho no grupo, papéis, alianças inconscientes, do que sucede quando um ou outro dirige a dramatização, ficando um deles como observador, ou Ego-auxiliar.

b) De cada um dos integrantes com cada um dos demais.

c) Com o grupo como unidade.

d) Com o terapeuta ou os terapeutas.

e) Com o exogrupo.

f) Dele ou os terapeutas com o grupo e cada um de seus membros.

A esta forma de entender a transferência nos grupos é somado mais um grau de complexidade, quando incorporamos o que acontece transferencialmente com:

1) A escolha do protagonista e do tema a dramatizar.

2) A escolha que o protagonista faz da cena a dramatizar e dos Ego-auxiliares (companheiros, no meu modelo de trabalho).

Obviamente que, se quiséssemos trabalhar em cada momento, tentado conhecer a totalidade do que acontece transferencialmente no grupo, múltipla e simultaneamente, nos perderíamos irremediavelmente, ficaríamos enredados num espinheiro. Somente podemos conhecer uma parte do que está acontecendo no momento de uma rede transferencial. Geralmente, esses dados nos ajudam na análise grupal em geral e na análise da cena dramática, em particular (com os dados que antes mencionara de escolha do tema, etc.).

As projeções transferenciais, no que a energia pulsional toma ao objeto como tela que possibilita o retorno do reprimido, são um dos aspectos fundamentais de nosso trabalho nos grupos, *não o único*; há momentos de aliança egóica, onde, em termos morenianos, a relação é mais "telética" que transferencial, onde a tarefa terapêutica toma outros caminhos técnicos, reflexivos, de intercâmbio com os outros, de "Encontro".

Contamos, também, ao trabalhar com a cena dramática, com a possibilidade de investigar os dados com que o grupo nos brinda no espaço dramático, reveladores do Inconsciente. Estes podem ser contraditórios com os que brinda a palavra, filtrando-se, desta forma, material reprimido.

Isso nos conecta com outro tema que é o da interpretação no Psicodrama psicanalítico. Lemoine diz que "os que fazem as duas coisas" — dramatizar e interpretar — prejudicam ambos os caminhos: os que atualizam o relato jogando a cena, fazem com que apareça o prazer e estropiam suas associações livres na análise. Se se interpreta a cena dramatizada, quebra-se a cadeia de associações dramáticas. (Sobre o último já nos alertaram, há anos, Martínez, Moccio e Pavlovsky, quando chamaram "interpretação redundante" ao fato de interpretar *a posteriori* da cena, quando esta teve um efeito esclarecedor e deixou aberta uma via dramática. Se se interpreta, fecha-se essa via.) (11)

De acordo com o que Lemoine diz, em princípio, penso que não se trata de fazer "as duas coisas", Psicodrama e Psicanálise, mas uma só: Psicodrama psicanalítico, integrando as regras do jogo do dramático e o verbal (onde a interrupção das associações verbais para dramatizar é tal), se a dramatização é defensiva e freia as associações da análise. Mas se a dramatização e o momento são pertinentes, são lidas como associações dramáticas que ampliam o processo. O prazer aparecerá quando a cena seja primordialmente ou dê lugar a:

- a) a gratificação narcisista (ainda que esteja sempre presente em certa medida, ao ocuparmos-nos do protagonista);
- b) uma catarse sem conscientização, meramente expressiva ou exibicionista;
- c) a satisfação.

Ao inverso, quando se dramatiza, a interpretação em Psicodrama se realiza dentro da cena, através do Eu-auxiliar, a partir do papel que joguem como personagens da cena. Dessa forma, não se quebra a cadeia viva de associações dramáticas. Fazemos uma alternância entre o verbal e o dramático, como dois momentos de uma só metodologia. Estes momentos se edificam um no outro, a harmonia depende do caminho que o terapeuta tome, conforme a leitura que vá fazendo, fundamentada na sua teoria e sua técnica.

Também a transferência é trabalhada de forma diferente, conforme o que convenha no momento do processo terapêutico. Pode explicitar-se ou não, estimular-se ou não. Muda a cena básica da transferência. Já não são duas pessoas reais, terapeuta e paciente, com os personagens imaginários de seu mundo interno e seus fantasmas, são várias pessoas com seus grupos imaginários entrelaçados que compartilham o espaço transicional do grupo terapêutico. Vai-se formando um co-inconsciente grupal, formações comuns, provocadas por vivências compartilhadas. No espaço transicional entre o imaginário e o real, coexistem o simbólico, o imaginário e o real. A súplica de amor é frustrada de todas as maneiras, se se coordena com cri-

11 — Martínez Bouquet, Moccio e Pavlovsky: *Psicodrama psicanalítico en grupos*. Ed. Kargleman, Bs.As., 1970.

tério analítico e concepção dramática. Todo sujeito em um grupo transfere e é, por sua vez, objeto de transferência.

Gostaria de fazer referência, brevemente, à identidade do coordenador de grupos do Psicodrama psicanalítico. Nós nos encontramos com uma série de variáveis que jogam na construção dessa identidade sob o ponto de vista das figuras de identificação positivas e negativas com os professores e os próprios analistas, herdeiros das *imagos* paternas. As pressões do mundo científico, provenientes da qualificação que se faz da integração teórica e prática escolhida. A luta por quem são "os herdeiros de Freud" que, em certos círculos, sobretudo a partir da ditadura, como consequência de um fenômeno de enfraquecimento de idéias e valores, do medo, alcançou seu apogeu. Eu o vejo como uma consequência a mais da repressão e da censura não analíticas. (12)

A partir do intergrupal, o grupo desperta no terapeuta uma série de "fantasmas" que não são alterados na prática da terapia analítica individual. Seu grupo interno se vê convocado constantemente com as cenas e situações do trabalho grupal. O narcisismo do coordenador está em jogo de forma mais exposta, tanto nos agrados como nas feridas que se podem causar aos mesmos; este é um ponto básico a investigar na formação profissional.

A criatividade versus o submetimento, externo aos grupos de poder científico e político, e interno ao grupo (buscar nele seu valor como terapeuta), herdeiros de aspectos superegócios. (13)

O difícil equilíbrio entre o contexto sócio-cultural e a tarefa analítica que o coordenador deve conseguir para que nenhuma das duas fique dissociada.

Há anos que me dedico à formação de psicodramatistas psicanalíticos de grupos; trabalho com profissionais da saúde provenientes de diferentes especialidades e com distintas carreiras: psicólogos, médicos, assistentes sociais, psicopedagogos, psicólogos sociais, terapeutas ocupacionais, técnicos no corporal. A análise que eles fazem de sua transferência nos grupos de formação e a investigação sobre sua identidade profissional é um dos núcleos fundamentais da referida formação. As diferenças são riquíssimas se provêm de distintas áreas; aprendem a trabalhar em equipe e a complementarem-se, sobretudo quando trabalham em instituições. Revalorizam o trabalho nas mesmas, tão desalentado na última década. A aprendizagem do Psicodrama e a tarefa grupal são os outros dois núcleos. O próprio grupo de formação é seu objeto de estudo, também o grupo de pertencença e contenção para a formação. (14)

Quero destacar que, desde 1976 até o advento do governo democrático, em dezembro de 1983, o trabalho em grupos clínicos e de formação tem sido, para

12 — Winnicott, D.: "La idea de la creatividad" em *Realidad y juego*, Ed. Gedisa, Barcelona, 1979, pág. 93.

13 — Albizuri de García, Olga: "La contratransferencia del coordinador de grupos", em *Temas de Psicología Social*, Número extraordinário dedicado ao VII Congresso Internacional de Grupos, Bs.As., 1981. Ed. 5. E no *The Individual and the Group*, Vol. 2, London, 1982.

14 — Albizuri de García, Olga: "Grupos de formación en Psicodrama Psicoanalítico", Livro VIII do Congresso Latino-Americano de Psicologia e Psicoterapia de Grupo, Bs.As., 1979.

mim, um lugar difícil, por sua vez doloroso e criativo. Um lugar de luta pela vida e pela dignidade das pessoas, tratando de que os grupos seguissem existindo, embora a proibição de reunião que se abatia sobre toda a sociedade, e a ideologia da ditadura sobre os psicoterapeutas e as psicoterapias, sobretudo quando estas eram grupais. Penso que é uma das atividades fundamentais que manteve "inteira" muita gente.

Do expressado anteriormente, se depreende minha adesão ao conceito do procedimento psicanalítico como um método de pensamento aplicável a diversas práticas dentro da psicologia e da educação, que consiste em descobrir os efeitos do inconsciente numa determinada esfera.

Diz Anzieu a respeito: "... Todo campo de manifestação dos efeitos do inconsciente é tratável pelo método geral da psicanálise..." Logicamente, em cada campo de aplicação, realizar-se-ão as transposições e adequações necessárias. O grupo, uma vez constituído como tal, deixa de ser, como diz Pichón-Riviére, seguindo Sartre, uma série ou soma de pessoas; conseguiu uma mútua representação interna, uma internalização do grupo e do outro; produziram-se determinados fenômenos próprios da dinâmica de um grupo, que abarcam desde as primeiras vivências aterrorizantes, primitivas, de devoração, nas quais se transferem as fantasias mais arcaicas, com medo da perda de identificação individual (conforme Sartre) até a possessão de um certo grau de confiança e contenção (não estática), onde os movimentos transferenciais alternam entre a integração e a desintegração. As transferências se tornam mais discriminadas, podendo reconhecer-se nelas os entrecruzamentos das transferências individuais dentro da transferência grupal. É aqui que se pode observar, sendo mais extensa a história do grupo e as situações vividas em comum, o particular reflexo que a transferência do coordenador tem no grupo, assim como as identificações dos membros entre si e com o coordenador.

Ao dizer "transferência do coordenador", estou me referindo às múltiplas cenas com as quais este se defronta, as diferentes cenas que revive no seu trabalho, as quais, inevitavelmente, baterão às portas no seu inconsciente, despertando seus fantasmas.

Fantasias e desejos também estão presentes no coordenador; seu destino e determinação na dinâmica grupal dependerão da possibilidade e interesse que ele tenha em analisá-los, em torná-los conscientes. É a atitude de busca constante, de compreensão de si mesmo, o que garante o desempenho do coordenador no grupo e do próprio grupo. Um coordenador que interpreta a transferência de seus pacientes porém ignora a sua e desconhece como o acontecer grupal ressoa no seu mundo interno e que *imagos* pessoais se alteram em cada circunstância, geralmente coordena um tipo de relação estereotipada e perde o "rumo" do grupo, negando, assim, seu legado às transferências grupais.

É natural que alguns leitores estejam pensando que o psicoterapeuta se analisa e controla seu trabalho clínico, precisamente para exercer seu papel com idoneidade. Particularmente, considero que não é suficiente no que diz respeito ao papel de coordenador de grupos, devido a que ele necessita da situação grupal para vivenciar suas ressonâncias "no grupo" e "com o grupo"; sendo um profissional da saúde mental que aprende técnicas e teorias sobre grupos, um integrante de grupo que

analisa seus modos particulares de relacionar-se, suas ressonâncias afetivas ao trabalho com grupos, suas cenas temidas e desejadas.

Para exemplificar o exposto, vou usar de um aspecto do trabalho realizado nos grupos de formação com o motivo da Guerra das Malvinas (penso que usar deste exemplo e não algum mais habitual é uma maneira de colaborar para que o "esquecimento" não se apodere de nós). A situação que estamos vivendo no país, tudo aquilo que nós, as famílias argentinas, temos vivido ao ver marchar nosso adolescente para a guerra, o dilaceramento que essa situação, assim como tudo o que aconteceu e acontece nos provoca cotidianamente, está presente na tarefa profissional.

Nos grupos de formação de psicodramatistas e coordenadores de grupo surgiu, apenas iniciado o conflito com a Grã-Bretanha, a necessidade de trabalhar, incluindo os acontecimentos e sua repercussão na nossa tarefa cotidiana. Com o objeto de investigar o papel do terapeuta nessa situação especial, realizaram-se diversos trabalhos psicodramáticos, prestando-se atenção aos diferentes papéis interpretados pelos integrantes de nossas reuniões: papel do temeroso, do cético, do onipotente, do culpado, etc.

Construiu-se, no grupo, um personagem imaginário ao qual se denominou "o coordenador ideal", que reunia as seguintes características:

- A) Bem informado: teórica e tecnicamente, e a respeito do acontecer atual.
- B) Realista: consciente das próprias limitações e do papel profissional.
- C) Afetivamente equilibrado: sensível, com uma posição clara frente à situação que o país atravessava.
- D) Trabalhando com outros em equipe, de modo a não estar sozinho frente a uma tarefa sumamente difícil de enfrentar, individual e isoladamente.
- E) Com capacidade de discernir mitos, rumores e "fococas" de situações diretamente vividas por pessoas danificadas, que vieram pedir ajuda psicológica.
- F) Com possibilidade de saber o porquê a respeito da decisão de trabalhar com danificados diretos da guerra e/ou com a comunidade em geral, nessa terrível situação limite.

A partir deste "personagem modelo" construído grupalmente, tentando colocarem-se no papel daquele que necessita de ajuda (cada um privilegiava na construção do personagem ideal aqueles traços que sentia necessários a partir do papel do consultante), os alunos exploravam suas próprias dificuldades, algumas das quais haviam surgido anteriormente a este exercício.

Um aluno que se desempenha como psicoterapeuta num serviço hospitalar foi quem pôs mais ênfase na necessidade de tomar consciência das próprias limitações, de modo a não assumir um arriscado papel messiânico nem defrontar-se com situações imanejáveis.

Ao dramatizar uma cena possível com um ex-combatente inválido, representado por um companheiro, o aluno — a quem chamaremos Carlos — pega o papel de psicoterapeuta e se vê "paralisado" pelo paciente, quando este lhe apresenta, de forma agressiva e despótica, o que o futuro de "inválido" lhe reserva. Carlos se encontra confuso, sente-se forçado a responder, impotente, angustiado. Num solilo-

quio (técnica psicodramática), diz: "... Eu não posso... O que me acontece? Por que não posso tratá-lo como aos demais?... Me sinto mal... O que lhe digo?..."

Surgem cenas nas quais ele e o grupo externam suas associações, cenas próprias da história de cada um. Por exemplo: "Uma menina e a filha da empregada doméstica da casa, que lhe pergunta por que para ela não fazem festa de aniversário" ou "um adolescente que está se vestindo para ir dançar é observado por um primo de sua mesma idade, que tem seqüelas de pólio nas duas pernas".

Estas e outras cenas que associaram os companheiros, enriquecendo e esclarecendo a cena profissional, ajudaram Carlos a entender aquilo que o impedia de levar a cabo sua própria proposta de tomar consciência das limitações (a entender em parte, claro). Conectaram-se cenas profissionais com cenas pessoais; trabalhou-se sobre a culpa, a agressão, a onipotência e a castração. Também sobre os sentimentos e idéias do grupo sobre essa situação-limite social.

O coordenador ideal que tinha sido construído foi posto em cena várias vezes, encarnado por alguns integrantes do grupo, que puderam "dialogar" com este ideal do eu profissional reconhecendo, como o havia feito em outras oportunidades, os fantasmas que inibem o desenvolvimento do papel profissional. O grupo é um espaço terapêutico precisamente pelo interjogo que nesse espaço intermediário fazem os "fantasmas".

Vou citar um exemplo desse interjogo ocorrido principalmente entre dois membros de um grupo: um deles — a quem chamaremos de Daniel — tinha se "mimetizado" com um companheiro, Lucas. Parecia, segundo suas próprias manifestações, que se "analizava" através dele. Mandava-o à frente com uma atitude de sumo interesse, instava-o a dramatizar os conflitos que tinha com sua família. O grupo, em que pesem as interpretações que eu fazia a respeito, parecia aceitar ou aceitar essa situação. Numa sessão em que se repetiu essa dinâmica, na qual Lucas já havia pautado uma cena para dramatizar, pedi a Daniel que tomasse, na dramatização, o lugar de Lucas e ao último, que se localizasse como público de seu próprio conflito encenado (espelho). Minha intenção era poder explorar a mútua transferência de Lucas e Daniel, e a do grupo com relação a este vínculo. Daniel, no papel de Lucas, dramatizou uma cena na qual ele chegava do trabalho e tinha uma discussão com sua esposa. Começou a deprimir-se. Pedi que fizesse um solilóquio, durante o qual não pôde prosseguir no papel de Lucas, saiu desse papel e começou a associar com suas coisas próprias.

Passamos à etapa dos comentários, momento no qual o grupo comparte as vivências e ressonâncias tidas durante a dramatização. O grupo se via aliviado, enquanto Daniel e Lucas descobriam sua aliança inconsciente. Daniel "empurrava" Lucas e o acompanhava na sua atitude de procurar atrair a atenção do grupo, de tentar que se ocupassem com ele; o apoiava na sua necessidade de proteção, cumpria, assim, um papel materno; enquanto ele se "escondia" atrás de seu companheiro e da ilusão de que eram iguais. Lucas aproveitava este apoio que lhe oferecia Daniel sem sentir-se culpado por seu estilo monopolizador; sentia um carinho narcisista pelo interesse demonstrado por seu companheiro; porém, ao mesmo tempo, descobria uma surda irritação pelo "roubo". Um e outro se complementa-

vam para pôr em jogo seus vínculos com *imagos* paternas a serviço da transferência: Lucas com sua "mamãe protetora" que vivia através dele; Daniel com seu "pai valente" que sempre "salvava a cara" por ele. O grupo, enquanto isso, compartia uma fantasia de que os dois companheiros corporizavam: o par filho-mãe, filho-pai era mais importante que o par mãe-pai que, desta maneira, ficava separado, cumprido, assim, com um desejo edípico inconsciente.

Simultaneamente, esta situação trazia, emparelhados, culpa e temor à retaliação castradora, devido a que se compreende o alívio experimentado pelo grupo ao ficar, o vínculo entre eles, livre destes vínculos transferidos.

Esta dramatização contribuiu para modificar as transferências laterais que detalhei, dando lugar, por sua vez, à análise de outras alianças inconscientes.

Através da análise das transferências se pode ir conhecendo as fantasias ou formações imaginárias inconscientes compartilhadas, e as fantasias individuais dos integrantes, nas distintas etapas do desenvolvimento de um grupo. Essa tarefa conta com dificuldades óbvias pela complexidade do campo em que se trabalha. Neste sentido, no que se refere às dificuldades de apreensão do fenômeno grupal, a aplicação do Psicodrama é um elemento de grande valor terapêutico, já porque se levam a cabo dramatizações grupais ou individuais. Ainda quando não se dramatize, o fato de ter uma concepção dramática da psicoterapia facilita o desenvolvimento do drama interno no espaço único da sessão (único, não por ser factível de transferência, mas sim de interpretação).

Há um espaço grupal em que se representam e corporificam os dramas do espaço intrapsíquico, em que os vínculos com as *imagos* encontram um espaço simbólico e em que, em estreita inter-relação, existe um espaço vincular interpessoal.

Essa sessão de grupo corresponde ao mês de abril de 1985, a poucos dias do começo do Julgamento das ex-Juntas Militares.

Em Buenos Aires, uma onda de rumores e fatos políticos causou a muitos confusão, desalento e temor. O *Julgamento* tão desejado por grande parte da população adquiria valores contraditórios. Uma vez mais o medo, em parte unido à possível resposta militar e, em parte, a saber mais, a recordar, a colocar nomes nas provas. Simultaneamente, duas grandes manifestações populares resgatam a coerência. O grupo está constituído por 3 homens e 4 mulheres. No começo do ano, em janeiro, dois pacientes terminaram sua terapia grupal, ingressando duas pacientes novas em março. Têm entre 30 e 45 anos. Todos são profissionais.

Começa a sessão. *Jorge* anuncia que cursará a última matéria de seu curso, com o que se formará, que não pode estudar porque pensa obsessivamente no que fará uma vez formado, não sabe se fica ou se sai do país, tem pouco trabalho e agora... com todas as histórias que se contam... Os rumores... Tem medo de ir e de ficar. Não pode desfrutar do fato de que termina seu curso. Os demais o escutam e vão se entristecendo. Fala-se da situação econômica e política, comentários dos jornais da manhã... Súbito, Alfredo, que exerce há anos sua profissão, começa com um discurso cético e agressivo, acelerado na sua forma de falar, se vê assustado e em um momento o diz. A síntese de seu discurso seria a seguinte: a necessidade de se desdobrar, porque o desgaste é muito grande, muitas coisas a fazer, enfrentar, decidir.

Uma das mulheres, Alejandra, que esteve fora do país durante a ditadura, começa a dizer que ir embora não é fácil, nem sair do país nem fugir das obrigações, ainda que o esforço seja grande. Diz a Jorge que pense bem no que vai fazer, e a Alfredo, que se preocupa em vê-lo assim, que parece um velho cansado. Alfredo lembra que seu pai *nunca estava cansado*, e diz: "... tocou-lhe viver outra época..." Tomás está muito silencioso, assim como Mónica e Carmem. Alicia está dizendo algo no ouvido de Tomás. Os outros se incomodam. Ela diz, então, que contava, em voz baixa, que seu marido estava muito bem. Começam a comparar os homens do grupo e estes aparecem como desalentados, enquanto "outros" não o estão. Pergunto a Mónica e Carmen no que pensam, o que sentem... Mónica diz que o tema lhe interessa, mas que ela queria contar algo, hoje. Teve um sonho com seu filho Martín que a deixou muito mal. Sonhou que esquecia de ler e escrever, e que de repente era um analfabeto.

Carmen diz que estava escutando e pergunta: "... Quem vai na Marcha das Organizações dos Direitos Humanos?..." Tomás diz "Eu" (outros também) e acrescenta: "... Hoje estamos como crianças desorientadas. Eu cheguei bem e fiquei mal...". Pergunto-lhes que cenas lhes surgem nesse momento. (Considero que se desdobrou um leque de possibilidades, jogando, os integrantes, com diversos papéis grupais. Os homens aparecem com uma grande carga de angústia e como figuras sofridas ou carentes. As mulheres fazem referência a outros homens — filho do sonho de Mónica, o marido de Alicia.)

Quando Tomás intervém com uma metáfora ("Hoje estamos como crianças desorientadas"), penso que a associação dramática nos pode ajudar a explorar os nexos grupais e individuais que se dão neste momento.

Alfredo lembra que esteve há três dias atrás no cemitério. Fazia muito que não ia, foi o aniversário da morte do seu pai.

Mónica diz que gostaria de dramatizar o sonho que teve, que não surgem outras cenas. (Há uma "impermeabilidade" pelo grupal nela hoje.)

Alicia lembrou de uma cena infantil. Estava formando fila na escola, alguns companheiros muito ordenados, outros desordenados.

Carmen não tem vontade de dramatizar hoje, ainda que diga que gostaria de ter vontade... Faz uma piada: "Digo isto para colaborar com o 'bom' clima".

Jorge lembra uma cena na escola secundária: o professor dava uma aula sobre depressão e o colocou como exemplo de depressivo. Sentiu muita humilhação.

Tomás associa com uma cena de três ou quatro anos atrás. Vinha contente pela rua quando de súbito viu como um homem grande batia num nenê: "O guri não entendia nada!".

Alejandra diz que se vê passeando por Buenos Aires no sábado passado. Ia mentalmente fazendo planos.

Ao realizar-se cada cena, surgiram dados que foram, no momento das dramatizações, evidentes, novos e se recolheram nos comentários posteriores.

Na cena de Alfredo, aparece um solilóquio, o temor de que a morte o pegue desprevenido, como a seu pai, que morreu de um infarto.

Mónica reconhece seu desejo de não saber, seu desejo de voltar a ser criança e se angustia.

Alicia: na cena infantil aparece uma voz, a da professora, que os endireita na fila e lhes diz: "Vão aprender a não se moverem!" *Medo da imobilidade adquirida, a deixar que outros estejam em movimento.* (Recordar o comentário sobre o marido).

Carmen faz um solilóquio, muito sentido, e diz: "Que vontade de ter vontade!" Associa com sua frigidez.

Jorge: na cena aparece um certo prazer, ao ser assinalado como o protótipo do depressivo, isso ele não tinha consciente.

Tomás: ao realizar a cena, associou com outra cena mais antiga, onde é compreendido duramente por seu pai porque este o encontra brincando com seus genitais enquanto toma banho.

Alejandra: ao realizar seu passeio, descobre que desfruta um pouco do mesmo e que seus planos são muito lindos porém entrecortados.

Os comentários que fizeram e o que compartilharam diante das emoções e recordações surgidas frente a cada cena, giraram sobre o anteriormente repisado. As recordações individuais e de momentos da história do grupo se sucederam numa rica produção. Puderam refletir e compreender alguns aspectos de sua história relacionados com o erotismo e a vitalidade. A criatividade e a proibição. A castração e a morte como castigo, que surgiram ante a situação político-econômica atual (também se diz que no *Julgamento* são homens que julgam a homens. As mulheres são vítimas, são testemunhas. São as *'Madres de la Plaza'*).

As cenas que afloraram são factíveis de uma leitura situacional do contexto social atual. O mais complexo se desvelou das cenas e seus comentários (afetos, identificações e associações), onde aparecem as cenas do mundo interno com que ressoa cada um nesta situação. Os vínculos com personagens internos que são "revividos" no "aqui e agora" grupal-social. A nível grupal, faz-se referência aos novos e aos que se foram (todas mulheres). A ambivalência que sentem frente ao curar-se e ir-se com projetos e planos, e ao ficar num lugar conhecido e firme. Lugar que pode "tornar-se" imobilizante, repressor, convertê-los em "frígidos". Os homens são os mesmos, não há novos nem recentes altas.

Podem reconhecer algum determinante interno de seu papel social atual, sem reducionismos alienantes, sem deslocar o conhecimento de aspectos do inconsciente, causas que são sócio-políticas. Isto é preciso ter bem claro desde a coordenação senão se pode cair em sério risco: o de tentar explicar o sócio-político por causas inconscientes individuais.

Tentei, ao dar estes três exemplos, ilustrar em parte o exposto sobre a interação do Psicodrama, a psicanálise e a influência do contexto sócio-político.

Escolhi, no primeiro exemplo, um fragmento de um trabalho sobre transferência do terapeuta. No segundo, um recorte de uma relação transferencial entre dois membros de um grupo. No terceiro, o relato muito sintetizado de uma sessão onde o tema sócio-político é manifesto, assinalando uma forma de desenvolver a sessão, na qual aparecem os níveis grupal-individual e social, e seus nexos.

Espero com esses apontamentos ter contribuído para assinalar os legados que o Psicodrama tem feito à psicoterapia grupal, ao mostrar o valor da cena dramática como via de abordagem do inconsciente.

O Psicodrama de Moreno tem um enorme conteúdo humanista, suas inquietudes sociais são evidentes e ao integrar o Psicodrama na nossa forma de trabalho não somente se utiliza sua técnica como também se resgata, em parte, seu espírito.

BIBLIOGRAFIA

- Abadi, Mauricio; *La transferencia*, Buenos Aires, Tekné, 1982.
- Albizuri de García, Olga; "Psicoterapia de parejas, integración de las técnicas dramáticas y la coterapia heterosexual simétrica", en *Clínica Grupal*, Ed. Búsqueda, 1974.
- Albizuri de García, Olga y Losso, Roberto; "Psicodrama Psicoanalítico de Parejas. Utilización de técnicas corporales", en *Revista Argentina de Psicología*, Año 5, Nº 17-18, Buenos Aires, 1975.
- Albizuri de García, Olga; "La contratransferencia del coordinador de grupos", en *Temas de Psicología Social*, Número Extraordinario dedicado al VII Congreso Internacional de Psicoterapia de Grupos, Buenos Aires, Ed. 5, 1981 y en *The Individual and the Group*, Vol. Z, "Practice", Malcom Press, London, 1982.
- Albizuri de García, Olga; "Escenas, sueños y 'sueños' de un grupo de adolescentes", en Albizuri de García y otros, *Escenas, Sueños y Psicodrama*, Buenos Aires, Ed. Docenia-Proyecto CINAIE, 1982.
- Anzleu, Didier; *El psicodrama analítico en el niño*, Buenos Aires, Paidós, 1961*
- Anzleu, Didier; *El Grupo y el Inconsciente*, Madrid, Ed. Biblioteca Nueva, 1978.
- Anzleu, D., Béjarano, A., Kaës, R. y otros; *El trabajo psicoanalítico en los grupos*, México, Siglo XXI, 1978.
- Baquín, Dubuisson y otros; *El Psicodrama, un acercamiento psicoanalítico*, México, Siglo XXI, 1977.
- Bustos, Dulmíro; *Psicoterapia Psicodramática*, Buenos Aires, Paidós, 1975*.
- Freud, Sigmund; "Personajes psicopáticos en el escenario" (1905/6), en *Obras Completas*, Tomo VII, Buenos Aires, Amorrortu, 1978.
- Freud, Sigmund; "De guerra y muerte, temas de actualidad" (1915), en *Obras...*, op cit., Tomo XIV, 1978.
- Freud, Sigmund; "Psicología de las masas y análisis del yo" (1921), en *Obras...*, op cit., Tomo XVIII, 1979.
- Freud, Sigmund; "?Por qué la guerra?" (1933), en *Obras...*, op cit., Tomo XXII, 1979.
- Freud, Sigmund; "Esquema del Psicoanálisis" (1938), en *Obras...*, op cit., Tomo XXIII, 1980.
- Kesselman, H. Pavlovsky, E. y Frydlewsky, L.; *Las escenas temidas del coordinador de grupos*, Madrid, Ed. Fundamentos, 1978.
- Kesselman, H. Pavlovsky, E. y Frydlewsky, L.; *Clínica Grupal 2*, Buenos Aires, Ed. Búsqueda, 1980.
- Kononovitch, Bernardo. *Psicodrama comunitario con psicóticos*, Buenos Aires, Amorrortu, 1984.
- Lemona, G. y P. *Una teoría del Psicodrama*, Buenos Aires, Gránica, 1974*.
- Martínez Bouquet, C. Moccio, F. y Pavlovsky, E.; *Psicodrama Psicoanalítico en grupos*, Buenos Aires, Ed. Kargleman, 1970.
- Martínez Bouquet, C. Moccio, F. y Pavlovsky, E.; *Psicodrama. Cuando y por qué dramatizar*, Buenos Aires, Proteo, 1971.
- Martínez Bouquet, C. *Fundamentos para una teoría del Psicodrama*, México, Siglo XXI, 1977.
- Menegasso, Carlos. *Magia, Mito y Psicodrama*, Buenos Aires, Paidós, 1981.

- Moreno, Jacobo L. *Psicodrama*, Buenos Aires, Hormé - Paidós, 1961*.
- Moreno, Jacobo L. *Psicoterapia de grupo y Psicodrama*, México, Fondo de Cultura Económica, 1966.
- Pavlovsky, E. y otros. *Clínica Grupal*, Buenos Aires, Ed. Búsqueda, 1974.
- Pavlovsky, E. y Kesselman, H. *Espacios y creatividad*, Buenos Aires, Ed. Búsqueda, 1980.
- Pichón-Rivière, E. *Del Psicoanálisis a la Psicología Social*, Buenos Aires, Ed. Galerna, 1971.
- Fichón-Rivière, E. *El proceso grupal*, Buenos Aires, Nueva Visión, 1977.
- Schutzenberger, A. *Introducción al Psicodrama*, Madrid, Aguilar, 1966*.
- Wildócher, D. *El Psicodrama en el niño*, Barcelona, Paideia, 1969*.
- Winnicott, D. *Realidad y juego*, Buenos Aires, Gránica, 1975.

→ Transferência
→ Interpretação do terapeuta
↳ com o paciente